



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CAMPOS I**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA  
SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EEEFM PROF. FÉLIX  
ARAÚJO.**

**RAMON ANSELMO DA SILVA FONSECA**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**-2014-**

**RAMON ANSELMO DA SILVA FONSECA**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA  
SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EEEFM PROF. FÉLIX  
ARAÚJO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado de Graduação em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para a obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

**Orientador: Ivanildo Alcântara Sousa**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**-2014-**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F676e Fonseca, Ramon Anselmo da Silva.  
Estágio Supervisionado [manuscrito] : um relato de experiência sobre as aulas de Educação física na EEEFM Prof. Félix Araújo / Ramon Anselmo da Silva Fonseca. - 2014.  
33 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.  
"Orientação: Prof. Esp. Ivanildo Alcântara Sousa, Departamento de Educação Física".

1. Formação profissional. 2. Educação Física escolar. 3. Currículo escolar. 4. Estágio supervisionado. I. Título.

21. ed. CDD 372.86

**RAMON ANSELMO DA SILVA FONSECA**

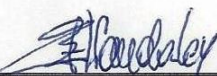
**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA  
SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EEEFM PROF. FÉLIX  
ARAÚJO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado de  
Graduação em Educação Física da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência  
para a obtenção do grau de licenciado em  
Educação Física

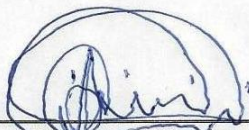
Aprovado em 11 / 12 /2014.



Prof. Esp. Ivanildo Alcântara Sousa / UEPB  
Orientador



Prof. Dr. Roberto Coty Wanderley / UEPB  
Examinador



Prof. Dr. José Pereira do Nascimento Filho / UEPB  
Examinador

Aos meus pasi, pela dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA. ....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 - HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>08</b>
<b>2.2 - FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>09</b>
<b>2.3 - CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:</b>	
<b>LINGUAGENS CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS.....</b>	<b>12</b>
<b>2.4. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO.....</b>	<b>13</b>
<b>3. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>15</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>29</b>
<b>6. ANEXOS</b>	

## **RESUMO**

O presente trabalho destaca a importância do estágio supervisionado como disciplina curricular obrigatória, nos cursos de licenciatura em Educação Física. Além dos desafios presentes na relação entre formação profissional e ética na escola pública. Essa proposta amplia-se quanto à ótica adotada para discutir tais desafios e envolve a visão de docentes e discentes. O estudo levantou junto aos professores e estagiários de Educação Física escolar, suas dificuldades e identificou suas sugestões para a melhoria à qualidade das aulas pertinentes a essa área. Foi observado que as dificuldades dos profissionais de Educação Física, estão relacionadas às condições de trabalho e problemas relacionados (limites/indisciplina). Conclui-se que o estágio é um momento desafiador na profissão, produz a consciência da importância do profissional da educação e de sua participação como agente questionador da realidade.

**Palavras-chave:** Professor. Estágio. Formação e Dificuldades.

## 1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um componente do currículo que se configura como uma disciplina, mas também como uma atividade. O graduando precisa vivenciar as práticas adquiridas no curso, e coloca-las em desenvolvimento, pois sem as práticas pedagógicas, pode-se dizer que o processo de aprendizado não é de total, deste modo, todo o contexto ensino-aprendizado passa a ser um projeto inacabado, tornando-se assim um processo incompleto. Sendo assim, “... o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas”.

É durante o Estágio Supervisionado, que isso se torna evidente no contraste entre a teoria e a prática da Educação Física, principalmente no ambiente escolar. Sendo a escola pública um desafio ainda maior.

A Educação Física na escola se constitui numa grande área de adaptação ao permitir, a participação de crianças e jovens em atividades físicas adequadas às suas possibilidades, proporcionando-lhes a valorizados e integração num mesmo mundo, o que torna a Educação Física um dos componentes curriculares mais importantes. Porém isto não acontece na prática, ela configura-se como uma disciplina que sofre com a falta de material, local e descaso de administradores escolares para sua prática. Muitas vezes é tida na visão dos alunos como uma disciplina “não obrigatória” e que não reprova. Mas Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394\96, inciso 3º: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica”.

Para os estágios, o grande desafio na formação é ser eixo articulador entre a capacitação teórico-científica e a atuação político-pedagógica dos futuros profissionais. No entanto, é importante lembrar que essa responsabilidade, especialmente em relação à qualidade da formação, não deve e nem pode se limitar apenas a uma ou duas disciplinas de estágios soltas no currículo, mas precisa estar presentes em todos os momentos da graduação, caso contrário, apenas os estágios responderiam às demandas dessa formação, especificamente em se tratando nas licenciaturas.

Este relato de experiência foi construído durante a da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual Da Paraíba - UEPB na Escola Estadual de Ensino Fundamental II e Médio Prof. Félix Araújo.



A prática de ensino nos cursos de licenciaturas nos cursos de Educação Física traz a tona às dificuldades dos graduandos – que, por vezes, reflete a de alguns professores integrarem a prática e a teoria, que apesar de não serem idênticas, possuem interdependência.

Verifica-se que é durante estágio supervisionado I, um dos momentos mais decisivos da vida acadêmica do discente. Tendo em vista que nesse momento, ele sai do espaço acadêmico e se depara com a realidade da profissão e de que o espera em sua vida profissional.

O acompanhamento, a supervisão e a orientação das atividades exercidas pelos professores orientadores – são fundamentais neste momento. Esses profissionais que exercem eticamente seu papel servem de referência, norteando a prática profissional pautada na seriedade e no compromisso – elementos que, infelizmente, nem sempre estão presentes no setor educacional, de um modo geral. Entretanto, o reconhecimento dessa disciplina na formação profissional é inquestionável.

Neste trabalho, demonstrarei como os conteúdos da disciplina Educação Física podem ser abordados de maneira integrada, assim como suas dificuldades de coloca-los em pratica. Sem desconsiderar as questões sociais a eles relacionadas. A intenção é descrever o cenário do estágio, metodologias utilizadas, reflexões sobre as avaliações realizadas, visões de outros professores sobre novas abordagens de ensino e considerações sobre a prática e supervisão de estágio do ensino de Educação Física no Ensino Fundamental II e Ensino médio.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 - HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física passou, ao longo da história, por várias transformações, para chegar às escolas, da forma que vivenciamos nos dias atuais. É uma herança histórica e está presente na vida do homem ao longo de sua história. Não apenas a componente curricular Educação Física que vemos nos dias atuais, mas formas de atividades físicas, visando ao aperfeiçoamento para a caça e para a defesa (BETTI, 1991).

Muitos fatos ocorreram nas últimas décadas, como a redução do número de sessões semanais de Educação Física de três para duas e ainda a redução do tempo de duração de cada sessão. Mas a principal mudança foi à inclusão da obrigatoriedade da Educação Física na Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional em 1961 (LEI nº 4.024/61): “Art. 22. Será obrigatória a prática da Educação Física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos.” (BRASIL, 1961).

A Educação Física, no período entre 1969 e 1979, assinalou a ascensão do esporte à razão de Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica do governo (BETTI, 1991). Em 1971, houve a reforma do ensino primário e médio, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em que a Educação Física aparecia como obrigatória não apenas para o ensino primário e médio, mas para todas as séries, conforme se observa na Lei nº 5.692/71 Art. 7º.

Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos aos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observando quanto a primeira o disposto no Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969 (BRASIL, 1971).

Hoje a disciplina Educação Física está bem mais voltada para os alunos que possuem certa aptidão física, é oferecida uma prática esportiva, uma iniciação no esporte, buscando a formação de atletas e a melhoria da qualidade de vida. A iniciação esportiva é quando há uma ampliação dos modelos motores, dando ênfase às formas multidisciplinares de movimento. Essas formas podem também ser chamadas de habilidades genéricas. Biomecanicamente falando, seria o aprendizado dos movimentos em sua forma mais correta, excluindo os erros, economizando a energia gasta durante a atividade (FERNÁNDEZ, SAÍNZ E GARZÓN, 2002).

## **2.2. – FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A educação física, por vezes, mostrou-se uma área sem identidade; os profissionais formados, muitas vezes, deixavam a graduação sem saber exatamente para o que havia estudado, onde e como poderiam atuar.

Nascimento e Aroeira (2011) realizaram um estudo sobre a importância da pesquisa na formação do profissional de educação física. Para tal, partiram do pressuposto de que ela é, ou pode vir a ser, um instrumento formativo em virtude de proporcionar reflexão e busca de conhecimentos para solucionar problemáticas.

As autoras acreditam ser a pesquisa uma importante ferramenta na formação de profissionais críticos e reflexivos e pode ser utilizada como elemento de motivação para as disciplinas dos cursos de graduação, uma vez que só se dá por uma “curiosidade”, um problema. Defendem que a pesquisa, além de proporcionar conhecimentos para o entendimento da história e da atualidade, garante subsídios para a prática profissional, sendo que o dia a dia deste profissional exige intervenções que dependem de um conjunto de saberes, que podem ser assim obtidos.

Ao final de seu trabalho, identificaram que a prática da pesquisa possibilita a constituição de um profissional autônomo e investigador de sua própria prática. A pesquisa é subsídio para a construção de saberes vindos das problemáticas relativas à atuação profissional. Portanto, deve ser estimulada desde a formação inicial.

Neste sentido, Galvão afirma que “o bom desempenho das suas funções depende, em parte, de como ocorreu essa formação. Diz-se em parte pois, além dessa formação, é necessário observar as características da personalidade de cada indivíduo” (Galvão 2002, p. 63).

A autora procurou estudar o papel e o perfil do professor de educação física de modo a buscar “um tipo de formação profissional capaz de, se não sanar, ao menos amenizar os problemas” (GALVÃO, 2002, p. 66). Para o estudo considerou um professor bem-sucedido como aquele que se preocupa com a formação integral do aluno e não somente com o ensino de habilidades. Entretanto, a autora afirma que o sucesso do professor também depende do contexto escolar em que se encontra.

A autora relata aulas ministradas em uma escola por uma professora formada na década de 1970 e que está prestes a se aposentar, porém, segundo ela, uma pessoa cheia de disposição. Ao final de suas considerações lembra que a professora foi formada em uma época em que a educação física era marcada pelo ensino tradicional, no qual o professor é

autoritário e se parece mais com um treinador do que com professor. E acrescenta: “esse tipo de formação provavelmente não proporcionou ao professor o olhar sobre os indivíduos, já que a predominância foi sobre o ensino dos gestos mecânicos” (GALVÃO, 2002).

Apesar desse tipo de formação, a professora foi “além dos aspectos negativos de sua formação e das dificuldades encontradas no contexto escolar” (GALVÃO, 2002, p. 71), conseguindo realizar um trabalho que levou a autora a caracterizá-la como uma professora bem-sucedida. Este é outro exemplo de que a formação não determina a atuação futura, mas pode influenciá-la.

Ainda com relação ao tema da formação profissional em educação física, encontramos Kunz, que critica a maneira como tantas mudanças nas diretrizes dos cursos de educação física estão sendo feitas.

Somos pelo que parece, um povo excessivamente dependente de leis, gostamos de falar em reformas em reordenamentos, mas o que deveria anteceder a tudo isto, a pesquisa, o planejamento, a discussão pública, e com isto as mudanças efetivas, não apenas no sistema político e institucional, mas, também, no dia a dia, na prática de todo professor/pesquisador, não se realiza. Somente a partir destes últimos aspectos que se poderia confiar em uma mudança de fato. (KUNZ 2003, p. 190-191).

O autor defende a ideia de que as mudanças nos cursos de Educação Física devem, em primeiro lugar, considerar as pesquisas realizadas na área, bem como a discussão pública sobre o assunto. Afirma ainda que a imensa burocracia universitária atrapalha a atuação do professor, “impede que [ele] conduza sua aula, sua disciplina de acordo com o avanço de seus estudos e suas pesquisas, ele só pode seguir a regra estabelecida pela instância burocrática” (KUNZ, 2003, p. 191).

O autor faz menção à separação dos cursos em licenciatura e bacharelado. Uma de suas críticas diz respeito ao conteúdo da grade curricular dos cursos que, sendo considerados diferentes, deveriam ter conteúdos e disciplinas distintos. Porém não é o que observa: “as diferenças internas, quanto ao conteúdo, as diferentes prioridades sobre os conhecimentos gerais ou específicos não são destacados” (KUNZ, 2003, p. 192). Pelo que se observa, sua crítica maior diz respeito aos licenciados, pois afirma que “não se tem, e pelo jeito, ainda não se terá um profissional com plenas capacidades pedagógicas para a escola” (ibid.).

Para finalizar sua abordagem, apresenta três temas que considera essenciais para uma diretriz na formação profissional em Educação Física. São eles: 1) capacidade crítica; 2)

compreensão da vida; e 3) uma ampla e profunda compreensão do objeto de atuação profissional, o movimento humano.

A capacidade crítica é entendida como a “capacidade de saber questionar realidades e conhecimentos” (KUNZ, 2003, p. 195). No momento histórico em que vivemos, é imprescindível saber questionar, saber criticar, pois, num mundo onde ocorre um acúmulo de saber, como acontece hoje, o profissional que não tem uma atitude crítica transforma-se “num mero repetidor, copiador e imitador de conhecimentos” (ibid., p. 195). O autor explica que a “compreensão da vida” diz respeito à “vida na sua complexidade não apenas como tema da Biologia ou das Ciências da Natureza” (ibid.).

O estudo da vida, no meu modo de ver, envolve muito mais do que as relações “homem-sociedade”, ou de um objeto bioquímico ou genético. A vida é fonte de tudo que existe, ela constitui a complexa relação Homem-Mundo. Olhar pela Vida significa ver o Planeta, o Mundo, o Ser Humano e tudo que envolve o espaço e o tempo na Dimensão de nossa Existência. (KUNZ, 2003, p. 195).

Por fim, explica a importância de “uma ampla e profunda compreensão do Objeto de Atuação Profissional, o Movimento Humano” (KUNZ, 2003, p. 196). Primeiro, considera que a dificuldade em admitir que o objeto da educação física é o movimento humano deve-se ao fato de se possuir um conhecimento restrito sobre o mesmo.

Afirma que “poder se movimentar é uma das formas mais elementares e importantes dadas ao homem” (KUNZ, 2003, p. 196) e complementa que dessa forma o homem descobre seu potencial, sua riqueza de mundo e transcende os limites entre “o Mundo e Eu”.

Quis dizer com o acima exposto que uma Diretriz deveria ser desenvolvida com o próprio avanço da pesquisa, do conhecimento científico da área e das discussões públicas sobre necessidades e prioridades de conhecimentos, políticas e intervenções na formação profissional e não apenas por legislação governamental infiltrada de programas com seus interesses particulares. (KUNZ,2003).

O currículo das universidades deve considerar, dentro do possível, o contexto em que os profissionais estão envolvidos, as realidades que os cercam, a cultura e a política das práticas de trabalho. Desta forma, facilita-se a formação de um profissional crítico e autônomo que seja capaz de despertar estes sentimentos e qualidades em seus alunos.

### **2.3 - CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: LINGUAGENS CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS**

O currículo da educação básica nacional se organizou dividindo-se em quatro grandes áreas que englobam todas as disciplinas da escola. São elas: “Ciências Naturais e suas tecnologias”, “Matemática e as áreas do conhecimento”, “Ciências humanas e suas tecnologias” e por fim a área de “Linguagens, códigos e suas tecnologias”. A área de “Linguagens, códigos e suas tecnologias” no Ensino Fundamental (Ciclo II) e Ensino Médio compreende as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (2006), a linguagem é a capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade.

Sabemos que o homem desenvolve a capacidade de entender e interpretar o mundo pela linguagem. Portanto, na medida em que os sujeitos conseguem se tornar mais competentes nos domínios das múltiplas linguagens, eles podem conhecer a si mesmos e a cultura dos lugares onde vivem. Portanto, há várias formas de conhecimentos relacionados com a linguagem: conhecimento linguístico, musical, corporal, conhecimento gestual; conhecimento das imagens, do espaço e de formas.

Na teoria não se admite que os conteúdos sejam sem significado. Utilizar-se da linguagem é saber colocar-se como agente do processo de produção/recepção. É também entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associando-os aos conhecimentos científicos e às outras linguagens que lhes dão suporte.

Desse modo, o ser humano utiliza a linguagem para a produção de toda forma de cultura, no espaço onde ele habita. O termo cultura entendido de maneira ampla não se restringe ao erudito, como muitas vezes se entende. A linguagem é fundamental para conseguirmos nos relacionar com os outros e com o mundo.

No ensino de Educação Física é fundamental compreender o sujeito mergulhado em diferentes realidades culturais nas quais não se dissociam corpo, movimento e intencionalidade. Seu estudo não se reduz mais ao condicionamento físico e ao esporte, quando praticados de maneira inconsciente ou mecânica. O aluno deve não só vivenciar, experimentar, valorizar e apreciar os benefícios advindos da cultura de movimento e deles desfrutarem, mas também perceber e compreender os sentidos e significados das suas diversas

manifestações na sociedade contemporânea. Nada que o aluno for aprender deve aparecer separado do contexto da sociedade.

A Educação Física foi colocada na área de “Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias” por causa da linguagem corporal que integra o conceito de “cultura de movimento”. É importante para a educação, porém vem sendo descartada na escola. No entanto não é só a escola que descarta essa disciplina e o corpo, mas a sociedade em um todo vem se organizando de modo que ignora ambos.

O currículo para o ensino de Educação Física nas escolas devem partir do variado repertório de conhecimentos que os alunos já possuem sobre as várias manifestações corporais de movimento e busca ampliá-los, aprofundá-los, qualificá-los criticamente. Dessa maneira espera-se que o aluno pense e modifique-se. Isso deve ocorrer durante e após a sua escolarização. Portanto espera-se que durante toda a vida o sujeito seja parte integrante da cultura do “movimentar-se”. Que tem sido denominada como “cultura de movimento”.

## **2.4 - A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO**

O estágio supervisionado tem por objetivo aproximar o graduando da sua realidade de atuação, no meu caso a realidade escolar, possibilitando que vivencie experiências de sua futura profissão, o que lhe possibilitará conhecer melhor sua área de atuação. Essa prática é e fundamental importância, pois introduz o futuro professor no âmbito escolar, com o intuito de integrar teoria e prática pedagógica, favorecendo o desenvolvimento pessoal.

Nesse sentido, Pimenta (2004) afirma que,

[...] no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional.

Desse modo, a disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UEPB, que será tratado nesse relato, tem como finalidade proporcionar aos discentes a experiência pedagógica, que lhes possibilitarão planejar, executar e avaliar situações de ensino-aprendizagem, durante as atividades físicas e de saúde, buscando focalizá-las como um importante conteúdo a ser trabalhado nas aulas de educação física.

Assim, isso se torna possível durante a vida acadêmica do aluno através do estágio. Mas, primeiro, o que é considerado estágio? O DECRETO No 87.497, de 18 de agosto de 1982, que regulamenta a Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino médio regular (antigo 2º grau) e supletivo. Segundo esse decreto, no art. 2º: Considera-se estágio curricular (...) as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizadas na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.

Um grande desafio com o qual o aluno de um curso de licenciatura tem de lidar é unir prática e teoria. Se esse problema não for solucionado ou pelo menos reduzido durante a vida acadêmica do educando, essa dificuldade se refletirá na sua prática como professor. “Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (FÁVERO, 1992, p.65).

Para Ramos (2002), as atividades de estágio não devem ser vistas como momentos de execução, passando, ao longo de todo o curso de graduação, a um sistema de ação concreta através do qual os alunos estagiários possam organizar seus sistemas de relações com o auxílio dos profissionais da Universidade e das instituições cedentes de estágios para poderem analisar, propor e, quem sabe quando lá estiverem, resolver problemas concretos colocados pelo dia-a-dia da ação profissional em Educação Física, considerando os saberes produzidos/reproduzidos no cotidiano profissional.

Bianchi (1998), que diz que se o estágio supervisionado for visto como:

[...] uma atividade de que pode trazer imensos benefícios para a aprendizagem, para a melhoria do ensino e para o estagiário, no que diz respeito à sua formação, certamente trará resultados positivos, além de estes tornarem-se ainda mais importantes quando se tem consciência de que as maiores beneficiadas serão a sociedade e, em especial, a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da universidade.

Betti (1991) analisa que os professores de Educação Física escolar ainda carecem de elementos que lhes permitam refletir e implementar propostas que substituam os modelos exclusivamente "esportivistas", ou "recreacionistas", de tal modo que seja possível a Educação Física na escola cumprir com a difícil missão de introduzir e integrar o aluno na esfera da



Cultura Corporal de Movimento, formando o cidadão para produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la, se preciso for. Nesse sentido, o aluno deverá ser instrumentalizado a usufruir das práticas corporais em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

O estágio é um meio que pode levar o acadêmico a identificar novas e variadas estratégias para solucionar problemas que muitas vezes ele nem imaginava encontrar na sua área profissional. Ele passa a desenvolver mais o raciocínio, a capacidade e o espírito crítico, além da liberdade do uso da criatividade.

O fato de o estágio ser supervisionado por um docente o torna um treinamento, uma forma de profissionalização, na qual o estudante vivenciará o que tem aprendido na universidade, pois passa a perceber como os conteúdos aprendidos na Universidade podem ser úteis na prática e como podem ajudar a eliminar as falhas existentes. É uma ferramenta que pode fazer a diferença para aqueles que estão adentrando o mundo do trabalho e que têm o poder de mudar a lamentável realidade da educação brasileira então observada.

### **3. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO EXPERIÊNCIA**

Os primeiros contatos com as turmas e seus respectivos alunos, no estagio supervisionado na Escola Estadual de Ensino Fundamental II e Médio Prof. Anésio Leão, ocorreram no segundo semestre de 2008, mas especificamente no dia 05 de agosto de 2008 a 11 de dezembro do mesmo ano. Período de observação e 03 de março de 2009 a 11 de junho do mesmo ano. Período de regência, no turno da manhã. Onde eu e mais dois colegas de curso fomos apresentados às turmas que iríamos auxiliar nas aulas práticas e teóricas até o final do semestre do decorrente ano. Nosso supervisor do estagio foi Professor Guerra.

As turmas eram incrivelmente numerosas, tanto as do fundamental II, quanto as do ensino médio. Com alunos de faixa etárias diferentes e em um espaço físico da sala de aula era muito pequeno e mal arejado. Nessa escola a pratica da Educação Física era no mesmo turno, o que deveria ser em horário oposto e intercalado com as aulas de outras disciplinas, ou seja, não tinham nem tempo e condições de local para tomar banho após as atividades físicas. A falta de condições físicas e de materiais da escola e a falta de "status" da disciplina de Educação Física, além de outras dificuldades ligadas ao funcionamento interno da escola foram um grande obstáculo para nós estagiários.

De acordo com os PCNs, no que diz respeito à Educação Física, os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam uma proposta que “procura democratizar, humanizar e

diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos.” (*op. cit.* p. 15).

Portanto, a Educação Física deve propor um vasto número de atividades que buscam não apenas o melhoramento do aspecto físico, mas a relações afetivas, cognitivas, socioculturais, tão desenvolvidas durante as aulas, através das mais variadas relações, professor-grupo, professor-aluno, aluno-aluno. (BRASIL, 1997). De fato tudo isso é possível proporcionar, mas devido à falta de material, espaço físico, grande quantidades de alunos e tempo. Isso raramente acontece. Infelizmente!

No princípio a equipe era formada por eu e mais dois colegas discentes. Foi um momento decisivo, do qual me questionei, sobre minha profissão. Porque até aquele momento do curso, estávamos assistindo aula, praticando, mas naquele momento éramos professores com responsabilidade profissional.

Nosso Estágio supervisionado foi dividido em duas partes: observação e regência. Na primeira os estagiários se familiarizam com o colégio, conhecem sua estrutura e a (as) turma (as) a ser (em) trabalhada(s) e por meio da observação das aulas do professor. Analisando a prática discente e suas implicações na formação do sujeito e na prática pedagógica. No caso esse professor era um discente. Um estagiário que já haviam passado pelo momento de observação e estavam no momento de regência observado por um supervisor. A regência, em que os estagiários assumem verdadeiramente a responsabilidade pela sua turma, desenvolvendo atividades de docência adquiridas durante o curso e as observações da prática docente. Colocando em prática planejamento, procedimentos metodológicos, seleção e aplicações de materiais didáticos, além da operacionalização de projetos desenvolvidos durante a disciplina, particularmente nas orientações práticas, por meio de um contato com o docente da disciplina na universidade e o supervisor externo.

Em relação ao nosso primeiro supervisor Professor Guerra, tínhamos como realizar muitas das atividades descritas no paragrafo superior, pois ele foi de fundamental importância para nosso ensino aprendizagem, proporcionou um bom entrosamento entre nós os estagiários e também com nossas turmas. Além disso, nos proporcionou uma análise dos comportamentos didáticos, considerados necessários para um docente, que resulta em uma reflexão mais apurada sobre a prática educativa, como também maneiras de atuar no espaço escolar. Já em relação ao nosso segundo supervisor. Esse foi quase o inverso do primeiro, mas

também teve sua parcela de construção na minha identidade de professor, justamente de como eu não devo ser.

É notório que, muitas vezes, os estagiários se restringem a apenas “observar” as aulas, esquecendo-se de analisá-las criticamente. Outras vezes, o próprio professor supervisor não dá devida importância a essa etapa, pulando-a e deixando que os estagiários se responsabilizem por seus discentes. Acreditamos que esse período seja essencial para a formação de futuros educadores, sendo necessário o comprometimento de ambas as partes.

Minhas aulas eram nas terças-feiras e nas quintas-feiras, intercaladas com meus colegas discentes, no horário das 07h00min às 09h15min. E estavam divididas entre teóricas e práticas. Cada uma com duração de 45 minutos, constatando-se que, para um estudante é muito difícil obter os benefícios de uma prática de atividade física apenas em aulas regulares.

As aulas práticas apresentaram muitos tipos de dificuldades como: grande número de participantes; ambos os sexos; diferentes faixas etárias. Além de alunos em horário vago, que não tinham um local específico para onde ir. Então eram direcionados para a quadra, que ainda mais aumentava o nosso trabalho.

Em um dos poucos momentos em que a direção da escola esteve conosco foi na apresentação das turmas, ao primeiro olhar vimos que as turmas eram muito numerosas,

Tendo em média de 37 alunos cada e foi durante as primeiras, que surgiram as maiores dificuldades. Logo porque tínhamos que levar de duas a três turmas, para uma pequena quadra nos fundos da escola. É nesse momento que pensamos: O que fazer? Como fazer? Quais as metodologias? Quais os conteúdos? Como podemos realiza-los? De fato as dificuldades são enormes, quando se fala na prática da educação física, principalmente no âmbito das escolas públicas.

Nas aulas práticas, como só havia uma quadra pequena. Eu dividia a quadra ao meio com uma rede de vôlei, um dos poucos materiais esportivos de que a escola dispunha. No alongamento inicial todos alongavam depois eu os separava; meninos para um lado da quadra e meninas para o outro lado da quadra. As meninas faziam atividades físicas mais recreativas, diferente das dos meninos que eram mais esportivas. Havia esta distinção, devido às meninas requererem mais tempo de aprendizagem na prática destas modalidades.

Infelizmente a educação brasileira ainda está muito defasada, a falta de apoio político e até mesmo da sociedade, faz com que a qualidade de ensino deixe muito a desejar, chegando ao ponto, de encontrar grandes dificuldades para encontrar uma escola para seus filhos estudarem. Tudo isso faz com que a taxa de analfabetismo e o número de pessoas com um

mínimo grau de escolaridade ainda tornem significantes em nosso país. A educação é fundamental para que um país se desenvolva, é através dela que a sociedade sobrevive transmitindo suas culturas dando oportunidade aos jovens de pensar e opinar na sociedade.

O comprometimento da família ainda é muito pouco, somando as falhas da educação e os governantes não têm demonstrado interesse em mudar esse quadro, visto que a educação representa um perigoso mecanismo de articulação política e social. Cabe neste contexto, uma profunda e urgente mudança, tarefa que deve ser organizada pelo verdadeiro educador diante de suas dificuldades.

Com isso o professor de Educação Física acaba enfrentando muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, principalmente em escolas públicas. Dificuldades que muitas vezes acabam desmotivando esse profissional.

A participação escolar da família ainda é muito precária, sendo mesmo encarada a escola como um “deposito” ou para não deixar eles dentro de casa, para não “perturbar” como me disse uma mãe ao vir deixar um aluno, no ambiente escolar. Infelizmente na mentalidade destas pessoas a escola tem o dever de ensinar tudo e tornar o aluno um cidadão modelo, ou seja, na visão dessas famílias a escola deve ser responsável por toda a educação do aluno. A busca de uma boa relação entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco a criança. Além disso, a escola também exerce uma função educativa junto aos pais, discutindo, informando, aconselhando, encaminhando os mais diversos assuntos, para que família e escola, em colaboração mútua, possam promover uma educação integral da criança. Uma relação baseada na divisão do trabalho de educação de crianças e jovens, envolvendo expectativas recíprocas.

Não podemos esquecer que na escola pública, as questões sociais atingem diretamente a escola: crianças com fome, guardando a merenda para levar para casa, crianças doentes ou com piolho, que sofrem maus tratos, que revezam cadernos e materiais escolares com os irmãos, junto com crianças arrumadas, penteadas, falantes, bem alimentadas. Isso sim são fatos horríveis de se presenciar. Nesse momento pergunto-me, o que faço com esses alunos? Como procedo? O que você que está lendo esse artigo faria?

No entanto, é possível acabar com esse jogo de culpado e inocente se a família e a escola buscarem ações coordenadas, o que poderia garantir a ela que os problemas seriam resolvidos ou, pelo menos, teriam um parceria, mas para que isso aconteça é necessário que os professores sejam conscientizados em relação às novas formações familiares e qual é o papel

da família. E em contrapartida, a família deveria conhecer melhor a escola na qual o seu filho será inserido e procurar a melhor forma para ajudá-lo no seu desenvolvimento.

Talvez o atual desejo da escola como instituição seja a família mais próxima dela, para enfrentar as atuais dificuldades, as intencionalidades e obrigações decorrentes para efetivar a parceria desejada. Essa relação não diz respeito apenas aos filhos/alunos, mas a todos, familiares, professores e comunidade em geral.

Outro problema era a indisciplina dos alunos, mas como vim de escola pública, antes de julgar o comportamento de alguns é preciso verificar a realidade da escola, da família, o psicológico, o social, além de muitos outros. Logo as manifestações de indisciplina, muitas vezes, podem ser vistas como uma forma de se mostrar para o mundo, mostrar sua existência, em muitos casos o indivíduo tem somente a intenção de ser ouvido por alguém, então para muitos alunos indisciplinados a rebeldia é uma forma de expressão. Mas foi um aluno chamado carinhosamente de “Junin quebradeira”. Esse foi maior caso de indisciplina que vi no meu estágio. Só no primeiro dia de aula, esse aluno “pegou” três brigas, no intervalo de três horas e o maior orgulho desse aluno era dizer que tinha dois irmãos no Presídio Regional do Serrotão Cruzeiro em Campina Grande. Para mim só uma maneira “aparecer” que não deu certo. Como sou de escola pública sei como funciona isso.

A escola pouco oferece espaços adequados para a prática de esportes, para brincar ou correr nos intervalos. Diante disso, o espaço escolar fica limitado somente à sala de aula, como crianças e adolescentes detêm muita energia, a falta de locais para “gastar” essa energia conduz à indisciplina. Outro aspecto de grande relevância é a família, problemas de diversas ordens podem acarretar na indisciplina escolar, talvez esse aluno conviva em um lar desestruturado onde os pais não se respeitam e assim reproduzem o que presencia em casa na escola.

Além disso, problemas psicológicos e sociais atingem diretamente o rendimento escolar, mais precisamente no fenômeno da indisciplina que se tornou, nos últimos anos, um dos principais problemas da educação no Brasil. A indisciplina cresce constantemente, produto de uma sociedade na qual os valores humanos tais como o respeito, o amor, a compreensão, a fraternidade, a valorização da família e diversos outros foram ignorados.

Meu primeiro conteúdo abordado foi recreação, como a reprodução de jogos e brincadeiras populares. Devido à sua tradição histórica e cultural em nossa sociedade, a recreação continua sendo perpetuada a partir da ênfase em aspectos técnico-operacionais, em

detrimento de outros. Logo é o que se podia fazer com tantos participantes, visto que atividades recreativas tem a capacidade de englobar muitos participantes.

São exercícios com um caráter competitivo, cooperativo ou recreativo em situações festivas, comemorativas, de confraternização ou ainda no cotidiano, como simples passa tempo. Numa esfera mais específica podemos explorar os jogos como agentes de inserção do conhecimento, utilizando-os dentro de um campo com maior abrangência política e socioeconômica da Educação Física agregando-os aos elementos lúdicos. Pois, a ludicidade por si só, traz a fundamental importância criando elementos fictícios associados aos reais torna mais fácil o entendimento e assimilação dos conceitos a ser transmitidos. (PCNs, 2001, p.49).

Apesar das críticas efetuadas sobre a tradicional visão de recreação, ressaltamos a importância de diferentes práticas culturais disseminadas até mesmo nessa perspectiva para a compreensão de seu processo de construção. Penso, entretanto, ser necessário buscar um entendimento ampliado sobre essas práticas, por meio da análise dos significados sociais, pedagógicos e culturais por elas incorporados em nossa realidade.

Os professores, conforme seus discursos demonstram conhecer que não devem selecionar os alunos, optar por apenas uma modalidade esportiva, ter atitudes autoritárias e negligenciar a dimensão lúdica. No entanto, ainda apresentam dificuldades no sentido de saber quais conteúdos abordar e quais metodologias de ensino utilizar. Em alguns casos, tal fato acabou por se transformar em aulas assistemáticas, nas quais o aluno escolhe o que quer fazer. Esse modelo é algumas vezes chamado de "recreacionista", embora o nome não seja o mais apropriado (DARIDO. 1997).

De fato, pois a realidade de cada escola é muito diferente, mas as dificuldades são quase as mesmas, principalmente nas escolas públicas. Como as dificuldades de espaço físico e material pedagógico e falta de apoio da direção, supervisão e coordenação. Ficando muito difícil encontrar metodologias que nos preparem para a realidade de cada dia.

O meu segundo conteúdo abordado foi o desporto voleibol não foi por acaso. Voleibol para Bojikian (2005 p. 19 - 20) argumenta que nas últimas décadas, o esporte que mais se popularizou foi, sem dúvida, o voleibol. As conquistas internacionais das nossas seleções, o espaço ocupado na mídia, o surgimento de novos ídolos e o sucesso em termos de marketing esportivo, tornaram o voleibol o segundo esporte dos brasileiros. Seja para lazer, para manter a saúde, ou mesmo para competir de fato, o voleibol é um dos esportes mais procurados.

A televisão fez com que, independente da classe social, o brasileiro começasse a interessar-se por voleibol, a entendê-lo e a praticá-lo. Muitos se indagam porque o voleibol, e não outro esporte foi o eleito pelos brasileiros nos últimos tempos. A verdade é que o processo de popularização já citado, desencadeado pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) em parceria com algumas federações, trouxe ao conhecimento do público em geral, algumas especificidades do voleibol que entusiasma aqueles que gostam do esporte.

O Voleibol possui inúmeras características e benefícios, como a aquisição de habilidades motoras, o desenvolvimento da aptidão física, e das valências físicas, contribui para o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo, estimula à alegria, satisfação e motivação, através da aprendizagem pelo movimento, além de melhorar as capacidades perceptivo-motora. Além destes aspectos, é importante destacar outras características que favorecem a prática do voleibol, como a liberdade na execução – pode ser jogado em locais abertos ou fechados (praia, praça, rua, ginásio, etc.) por ambos os sexos e a possibilidade de recreação ou prática competitiva (pode ser jogado em duplas, trios ou quartetos) nas mais diferentes faixas etárias. (SANTINI, 2007).

O desporto voleibol foi um dos conteúdos escolhidos para minhas aulas, porque além de gostar do mesmo, o meu supervisor professor Guerra, dispunha de material referente a essa modalidade. O que trouxe oportunidade de demonstrar um bom trabalho pedagógico, cativei os alunos a participarem dessa modalidade e desmistificando preconceitos referentes aos praticantes do sexo masculino. Que homem que pratica esse desporto, apresentam tendências homossexuais.

Os fundamentos do voleibol ajudam a melhorar as habilidades motoras do aluno, como vimos anteriormente os benefícios desse esporte são inúmeros e quando trabalhado na escola, só irá trazer benefícios em todos os aspectos ajudando também em outras disciplinas, pois a concentração do aluno será maior.

O terceiro conteúdo foi o futsal. Para Mutti (2003) cita que, a iniciação ao futsal deve ser uma continuidade do trabalho de desenvolvimento motor, quando são aplicados diversos movimentos e experiências que proporcionam o aumento do acervo motor da criança. Gradativamente, através da combinação de exercícios com bola e pequenos jogos que se tornarão cada vez mais complexos, tanto em regras como em movimentos, o futsal irá se incorporando ao acervo motor da criança.

Hoje, seguramente o Futsal é a recreação e lazer desportivo da preferência de grande parte da população brasileira. O Futsal ocupa o 1º lugar entre os esportes mais praticados no

Brasil em todas as classes sociais, segundo dados do IBGE de 2010. E tudo isso decorre de ser o Futsal, sem dúvida, o único esporte genuinamente brasileiro e que não impõe o biótipo geralmente requerido para certas modalidades “importadas”, podendo praticá-lo o alto, o baixo, o gordo, o magro, o jovem ou o mais idoso, daí ter tomado em grande número as quadras e espaços de recreação dos colégios, edifícios, condomínios, empresas, clubes sociais e esportivos, quartéis, praças etc.

O futsal era o único esporte que não podia faltar nas aulas de Educação Física. Nas práticas da educação física é onde encontramos as maiores dificuldades, principalmente quando se fala em espaço físico. Nessa escola há uma pequena quadra coberta. De dimensões muito modestas, entretanto agradecido por tê-la. Já que outros colegas não tiveram a mesma sorte e tiveram de dar aula em espaços ao ar livre e expostos ao sol. A quadra era pouco conservada, sem a separação da mesma para a arquibancada, com sinalizações quase apagadas, que eram sempre refeitas com giz de lousa. Lá foi onde desenvolvi as minhas aulas de educação física prática. Foi lá também, onde tive de adaptar as minhas aulas e criar novas metodologias de trabalho para realiza-las.

Não se trata de desvirtuar a prática da atividade física como componente que exerce influência sobre a melhoria do estado de saúde, quando praticada corretamente. No entanto, é preciso não se deixar levar por afirmações simplistas como a de que, atividade física, por si só, é capaz de gerar saúde. A atividade física deve ser compreendida como um componente de inúmeros fatores imprescindíveis (capacidade econômica, habitação tempo livre, acesso a escolarização, cultura, nutrição adequada entre outras) que concorrem para a promoção da saúde. (SCHNEIDER, 2001).

Quanto ao conteúdo relativo à atividade física ou mesmo lazer e da educação física escolar, acreditamos ser fundamental que os profissionais o discutam anteriormente, para que sua aplicação na escola ocorra efetivamente de forma crítica. Especificamente os conteúdos da área de atividade física, poucas pessoas, principalmente as oriundas das classes desfavorecidas socialmente, não têm muito acesso a esse tipo de informação, e a escola pode ser uma instituição social importante para levar esse conhecimento aos atores presentes no espaço escolar. Nesse sentido, a Educação Física se torna a maior responsável pela a transmissão desse conteúdo, pois o tem enquanto conteúdo curricular, e o acesso a esse conhecimento no ambiente escolar se faz necessário para contemplar não só as dimensões biológicas dos indivíduos, mas também, as dimensões sociais e pedagógicas, sensibilizando as pessoas sobre a importância de adotar um estilo de vida ativo.



Nesse período também se compreende quanto é importante relacionar os conhecimentos a serem transmitidos para os alunos com os adquiridos na vida cotidiana, e assim associar a necessidade de adquirir esses conhecimentos para usá-los na vida diária. Nessa perspectiva, entende-se que é indispensável investigar, no processo educativo, a situação individual e social do grupo de alunos, os conhecimentos e experiências que trazem, de modo que, nas situações didáticas, ocorra a ligação entre os objetivos e conteúdos propostos pelo professor e as condições de aprendizagem dos alunos (LIBÂNEO, 2004).

Nesse ponto eu concordo com o autor. Não basta apenas falar para crianças e adolescentes praticarem atividade física, o que trará vários benefícios para sua saúde, mas também deixar claro que vários fatores influenciam na execução dessa prática, contribuindo para os estudantes possam refletir sobre a sociedade, questionando as informações adquiridas. Portanto é importante que, as aulas de Educação Física, os estudantes possam analisar o sistema em que a sociedade vive e suas possíveis intervenções. Agindo dessa forma o professor poderá contribuir, de maneira significativa na formação dos estudantes, para que possam ser cidadãos que reivindiquem seus direitos e reflitam sobre eles buscando melhoria para a população que integram e são sujeitos. Mostrando assim as dificuldades e a realidade aos mesmos, seja de espaço, material e da profissão.

Nas aulas teóricas eram aplicadas em sala de aula. Estas não eram muito bem-vistas pelos alunos, por alguns fatores como: a ideia de que toda aula de Educação Física, tem que ser fora da sala de aula e com atividades físicas recreativas ou de caráter esportista. Outro fator foi à falta de um conteúdo específico do componente curricular Educação Física, logo porque todos os outros componentes curriculares apresentavam seus conteúdos específicos abordados nos livros didáticos. Já o nosso não. Então isso dava uma ideia aos alunos que a Educação Física “não reprova” e meramente uma disciplina de caráter recreativo ou esportista.

A experiência que o estágio supervisionado contribui significativamente para a minha identidade como profissional do, e que, apesar de dar indefinidas dificuldades encontradas, o estágio auxilia expressivamente em nossa formação, pois é só por meio da vivência do meio escolar que conseguiremos construir uma base de formação profissional e pessoal. O estágio é como afirma Pimenta (2004, p. 34) “[...] uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade”.

Nas aulas de recreação foram abordadas as brincadeiras populares como a do “toca”, que consiste em escolher um aluno e este vai ter que tocar outro. Ao tocar ele deixa de ser o

“toca” e quem ele tocou se torna o “toca” da vez. Essa atividade física é um bom aquecimento para outras atividades. Outra é “barra bandeira”, que consiste em um jogo, dois times, cada um possuindo uma bandeira (que também pode ser uma bola), têm como objetivo capturar a bandeira do time adversário, localizado na "base" desse time, e trazê-la de volta ao seu território em segurança. Jogadores do time oposto podem ser "pegos" por jogadores no território deles; estes jogadores pegos serão (dependendo das regras da partida) desclassificados do jogo, novos membros do time oposto, "congelados" (incapazes de deixar o local onde foi pego até que um membro do seu time o toque) ou irão para a "prisão" (uma variação do jogo inclui uma área de "prisão" adicional para cada território de cada time).

É notório, que apesar de serem brincadeiras recreativas, elas tem seu caráter, previamente é necessário um momento de preparação pedagógica que o dará subsídios suficiente ao desenvolvimento de um aprendizado. Onde o mesmo, calado em uma formação séria e contínua de ações fragmentadas pedagogicamente. Tendo como objetivo principal de posteriormente torná-las, uma construção rica e gradativa de elementos pedagógicos, que passará ser aplicado a qualquer tipo de jogo, seja desportivo ou pré-desportivo.

Sem dúvidas o esporte também é saúde, aqueles que os pratica tem uma vida mais ativa e com menos riscos de adquirir alguma doença e é isso que os alunos já devem ter em mente sobre a importância e os benefícios da atividade física para a saúde. O professor de Educação física deve tomar cuidado para que os esportes trabalhados na aula, não seja o motivo de insatisfação e tristeza para com seus alunos, colocando apenas os mais aptos negando alguns dos principais valores como éticos, morais e sociais propostos pela escola. Será que a escola tornou-se um ambiente que também promove a competição valorizando somente aqueles que se sobressaem? Esse foi um cuidado que tive de ter, para incluir todos e assim tornar a prática de Educação Física prazerosa.

No cotidiano, geralmente não podemos evitar a competição, mas no ambiente escolar, é possível trabalhar de maneira conjunta através do voleibol (cooperação). A competição não é essencial dentro da escola, mas sim a cooperação e a contribuição na formação de ser crítico. Nessa escola com certeza a Educação Física é uma das disciplinas mais adoradas pelos alunos, pois é nessa aula que eles se sentem livres fora da sala de aula. E dependendo do professor, esse momento pode proporcionar além do aprendizado, muita alegria, interação e emoção para todos. Além disso, o professor deve estar atento aos valores e ensiná-los aos alunos, para que não haja discórdia, e que os mesmos aprendam a ter o espírito de cooperação

ajudando seus colegas com as dificuldades e os incentivando para que cada vez mais melhorar seu desempenho em determinada modalidade.

Isso foi bem difícil trabalhar com eles. Logo que os mais aptos são logo chamados, criando certa rivalidade entre as equipes, mesmo você explicando das regras, cooperação e espírito esportivo eles até escutam, mas começou o jogo tudo muda de sentido, mas insistindo um pouco ele terminam absorvendo a ideia.

Para obter sucesso nas aulas, é preciso que tenha em mente a preocupação de passar todas as informações possíveis de forma a garantir ao aluno uma melhor performance no aprendizado dos fundamentos básicos do jogo. Por isso nas aulas teóricas eu abordava alguns conteúdos de difícil aprendizagem, antes de irmos à prática. Também deve-se conhecer a metodologia adequada desse esporte, para que os alunos obtenham um bom desenvolvimento e a correção imediata dos erros.

Eu tive ser muito criativo nas minhas aulas; adaptar todo o material didático, que era quase inexistente, o local da prática e as pedagogias utilizadas nos desportos, de modo a incluir todos e realizar um bom trabalho pedagógico. Sempre bem disposto e com determinação de fazer daquela aula um momento muito especial, não ridicularizando ou excluindo por falta de habilidade.

O futsal é um dos esportes mais difundidos no Brasil tanto na parte escolar e extraescolar. O futsal está entre as modalidades de esporte coletivo mais praticado do Brasil, talvez por isso se encontre tantos profissionais da área de Educação Física exercendo funções ligadas a ele. Por isso o incluí em na prática pedagógica como esporte de destaque. Sem falar que na minha primeira aula de futsal foi realizada com a “cama de ar” de uma bola que se descosturou. Esse foi um marco no meu estágio, pois nesse momento pensei. Pode ficar pior? Será que vai ser assim durante a minha carreira?

O futsal é uma ótima ferramenta nas aulas de Educação Física, visto que permite a exploração de diversas possibilidades de acordo com os objetivos a serem alcançados. A fase escolar em que a prática do esporte geralmente é iniciada constitui uma fase da vida em que a criança e o adolescente estão passando por amadurecimento tanto no sentido biológico, quanto no psicológico e no social. Dessa forma, o cuidado com o modo pelo qual o esporte é ensinado faz-se extremamente importante, cabendo ao professor de Educação Física ficar atento a essas questões.

É importante ressaltar que sua prática não deve ser vinculada apenas ao ensinamento da técnica e em busca do alto rendimento, mas sim ao desenvolvimento de diferentes aspectos

que serão de extrema importância para um melhor desenvolvimento global da criança e do adolescente e que serão essenciais na vida adulta.

Acredito que todo profissional traz marcas inscritas em sua prática. Não somos isentos das influências sociais, relações familiares, formação religiosa ou classe econômica e política pelas quais passamos por um grande período de nossas vidas. Na área de formação de professores, já me considerando um, sem diminuir o mérito de qualquer outra área, a responsabilidade se torna ainda maior, pois os cursos estão preparando e educando futuros educadores, as opiniões, a moral e a ética dos políticos, economistas, médicos, cientistas e tantos segmentos importantes para dirigir e coordenar nosso país, nosso futuro.

Para mim foi uma experiência riquíssima, não apenas para aqueles em formação, mas também para os docentes, alunos e demais envolvidos, pois é necessário compreender que somos todos incompletos e eternos aprendizes.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física deve ser legitimada na escola, buscar a sua identidade, sua razão de ser no currículo escolar, e, para isso, sua importância deve ser rediscutida nos diversos âmbitos da sociedade.

Quanto às dificuldades da falta de apoio da direção, supervisão e coordenação escolar, é preciso minimizar o distanciamento nas relações entre os docentes, estagiários e a direção escolar, numa tentativa de realização de um trabalho efetivamente em conjunto, ou seja, exalta a necessidade da construção de coletivas. Para a Educação Física, faz-se ainda mais importante tal aproximação. Inclusive, muitos futuros docentes sugerem que os diretores e coordenadores também tenham informações sobre as novas propostas para a Educação Física na escola.

Mais contato entre professores, pois cada um tem suas experiências e diferentes formas pedagógicas, e sem essa troca fica muito mais difícil realizar um bom trabalho seja no ambiente escolar ou qualquer outro. Assim o professor é capaz de inovar, variar suas técnicas de ensinar, buscar qualidade e não se deter em quantidades de conteúdos, ter um bom relacionamento com os outros discentes e a administração escolar. Repassando o professor deve ensinar seus alunos para conviverem em sociedade, valorizar sempre as questões sociais como dignidade, caráter, bondade e honestidade.

A formação continuada, na forma de cursos e encontros de área, promovidos pela direção e coordenação das escolas públicas e particulares e dos órgãos centrais do poder público (Secretarias Estaduais e Municipais, Diretorias de Ensino e Equipe Pedagógicas), segundo alguns entrevistados, seria um dos pontos importantes para minimizar o quadro atual da Educação Física escolar, pois traria novidades, atualizações da área em termos de teorias, metodologias e estratégias.

Diante da realidade observada, podemos apontar para a questão do espaço físico e das instalações, como fatores que podem comprometer de modo significativo o trabalho pedagógico da educação física. Um espaço maior para trabalhar, que possa ser diversificado, e flexibilidade, o empenho por parte da direção da escola e para que eles compreendam melhor o nosso trabalho.

Numa reflexão mais ampla sobre o ensino da educação física nas escolas públicas, constatamos outros aspectos que também trazem limitações: o valor social atribuído à disciplina, a atuação do professor, a organização administrativa da escola, entre outros.

Os fatores que influenciam negativamente a prática do professor de Educação Física, como a falta de material, de espaço físico, falta de reconhecimento, remuneração ainda deficiente, embora seja preciso reconhecer os avanços conquistados nos últimos anos, frutos da política do governo Estado em recuperar os salários dos professores e também do empenho dos mesmos em garantir melhores níveis de remuneração. Embora o cenário ainda seja de grandes dificuldades e deficiências, existem professores que em meio a tantas dificuldades transformam os problemas em desafios e acabam encontrando soluções e motivações para práticas pedagógicas de excelente resultado.

Apesar das dificuldades os professores acreditam que mudanças são necessárias para uma educação de qualidade, também a partir da Educação Física. Isso se evidencia na fala dos professores. As perspectivas para a Educação Física são de melhoria e crescimento devido ao esforço e comprometimento de alguns profissionais de Educação Física.

#### **ABSTRACT**

**This study highlights the importance of supervised internship as a compulsory curriculum subject in undergraduate courses in Physical Education. In addition to the challenges in the relationship between vocational training and ethics in public school. This proposal widens as the optical adopted to discuss such challenges and involves the vision of teachers and students. The study raised with teachers and trainees of Physical Education, difficulties identified and their suggestions for improving the quality of lessons relevant to this area. It was observed that the difficulties of Physical Education professionals are related to working conditions and related problems (limits / indiscipline). We conclude that the stage is a challenging time in the profession produces awareness of the importance of vocational education and its participation as an agent questioning of reality.**

**Keywords: Teacher. Internship. Training and Difficulties**

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOLO, A. A criança e o adolescente no esporte: como deveria ser. São Paulo: Phorte, 2007.
- BASEGGIO, T.S. **Oficinas socioeducativas de futsal como ações complementares no processo educacional**. E book browser, 2011.
- BETTI, I. R.; BETTI, M. **Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física**. *Motriz*, v. 2, n.1, p.10-15, 1996.
- BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, W.W. (Org.). **Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI**.
- BIANCHI, A.C.M.; ALVARENGA, M.; BIANCHI, R. **Manual de orientação: estágio supervisionado**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BRACHT, V. **Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade**. *Rev. paul. Educ. Fís.*, São Paulo, supl.2, p.23-28, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Executiva, **Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: ME, 2006.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física**. MEC/SEF. Brasília, 2001.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 009, de 8 de abril de 2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Conselho Nacional de Educação, Brasília: 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Executiva, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394**, de dezembro de 1996. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.
- BRÊTAS, Ângela. **Recreação e a Psicologia Sócia histórica: novas bases, novos caminhos**. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 10, 1997, Goiânia. Anais... Goiânia: Gráfica e Editora Potência, 1997. p. 1050-1056.

DARIDO, S. C. **Professores de Educação Física: avanços, possibilidades e dificuldades.**

Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.18, n.2, p. 192-206, 1997.

FÁVERO, M. L.A. **Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão.** In:

ALVES, Nilda (org.) Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992. P.53-71.

FERNÁNDEZ, M. D.; SAÍNIZ, A. G.; GARZÓN, M. J. C. **Treinamento Físico-Desportivo e Alimentação – da infância à idade adulta.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GALVÃO, Z. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 65-72, 2002.

GUIMARÃES, A.A. **Educação Física Escolar: Atitudes e valores.** Motriz Jan-Jun 2001, Vol. 7, n.1, pp. 17-22.

INBERNÓN, F. **Formação docente a profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2001.

KUNZ, E. Formação profissional em educação física: revisões e alienações. **Revista Motrivivência**, Ano XV, n. 20-21, mar. Dez. 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da Animação.** Campinas: Papirus, 1990.

MARINHO, I. P. **Manual de Recreação: Orientação dos lazeres do trabalhador.** Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.

MIZLIKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (Org.). **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola.** São Carlos: Ed. UFSCar, 2002.

MORAES, E. V. A. **Presença do ideário higienista do curso de formação em Educação Física** da Universidade Federal de Alagoas. Dissertação de mestrado, Universidade Gama Filho, 1996.

MUTTI, D. **Futsal: da Iniciação ao alto nível.** 2 ed. São Paulo: Phorte, 2003.

NASCIMENTO, J. V.; AROEIRA, K. P. A pesquisa na formação profissional em educação física: algumas possibilidades. **FIEP BULLETIN**, v. 81, special edition, Article I, 2011.

PASSARO, E.S. **Desenvolvimento das capacidades coordenativas como base do aprendizado da técnica em iniciantes em futsal.** [Monografia]. Batatais, 2005.

PIMENTA, S.G. & LIMA, M.S.L. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poiesis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006



RAMOS, G.N.S. **Estágio**. Revista E.F. Rio de Janeiro, 2003.

SANTINI, J. **Voleibol Escolar: Da iniciação ao treinamento**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

SCHNEIDER, O. **Educação Física como promoção da saúde: contradições de um discurso**.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 21, n. 1, 2001.

SERAFIM, P.A. **Educação Física e psicomotricidade: uma relação fundamental no desenvolvimento humano. Laboratório de Atividades Lúdico-Recreativas (LAR) da UNESP/Presidente Prudente**, 2008.

VOSE, R.C. **Iniciação ao futsal. Abordagem recreativa**. 3ª ed. Canoas: ULBRA, 2004. p. 11-24.

## ANEXOS



Figura 1 e 2 Espaço lateral interior utilizado para atividades física.



**Figura 3** Vista da entrada da quadra poliesportiva. Agora desativada por falta de manutenção



**Figura 4 e 5** Vistas do interior da quadra poliesportiva